

# Notícias e Notas de Leitura



## IN MEMORIAM

Adeline DAUMARD (1924-2003)

*Professeur émérite na Universidade Panthéon-Sorbonne*

Nesta revista é publicado, provavelmente, o último artigo de autoria da Professora Adeline Daumard<sup>1</sup>. Este texto vem juntar-se a uma obra inovadora, rigorosa e vasta, reconhecida internacionalmente e largamente citada por muitos investigadores da História Social.

A Professora Adeline DAUMARD que completou *l'agrégation d'histoire* em 1948, foi professora do liceu do Hâvre até à edição da sua tese em 1963. Como professora nas Universidades de Brest, de Amiens e depois de 1983 de Paris (Sorbonne), dirigiu inúmeras teses tendo colaborado estreitamente com o eminente professor e investigador Ernest Labrousse de cujo elogio fúnebre foi encarregada. Especialista de história da burguesia, definiu um método e abriu perspectivas a outros historiadores.

Da sua extensa bibliografia realçamos:

- (1961), *Structures et relations sociales à Paris au milieu du XVIII siècle*, (com a colaboração de F. Furet), Cahiers des Annales, nº18, Armand Colin, 97 p.
- (1963), *La bourgeoisie parisienne de 1815 à 1848*, 1ª edição, École Pratique des Hautes Studes
- (1963), "Une référence pour l'étude des sociétés urbaine en France aux XVIII et XIX siècles, project de code socio-professionnel", in *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, PUF, Julho/Setembro, pp.185-210
- (1965), *Masons de Paris et Propriétaires Parisiens au XIX siècles – 1809-1880*, Éditions Cujas – Centro Nacional de la Recherche Scientifique.
- (1970), *Leas Bourgeois de Paris au XIX siècle*, Paris, Flammarion
- (1973) (Dir.) *Les Fortunes Françaises au XIX siècle*, Paris, Mouton
- (1974), "Les structures bourgeoises en France à l'époque contemporaine. Évolution ou permanence?", in *Conjoncture Économique, Structures Sociales – Hommage à Ernest Labrousse*, – Paris, Mouton, pp. 449-463
- (1975), "Quelques remarques sur le logement des parisiens au XIX siècle, in *Annales de Demographie Historique – 1975*, Paris, Mouton
- (1976,1982) Colaboração na *Histoire économique et sociale de la France*, dirigida por F. Braudel e E. Labrousse, Paris, PUF:
  - tomo III, *Avenement de l'ère industrielle (1789-années 1880)*, 1976: vol.1, pp. 137-159; vol.2, pp.829-958.
  - Tomo IV, *L'Ère industrielle et la société d'aujourd'hui (1880-1980)*: vol.1, 1979, pp. 50-62 e 401-453; vol.2, 1980, pp.861-906; vol.3, 1982, pp.1467-1529
- (1980), Colaboração na *Wealth and the Wealthy in Modern World* (W.D. Rubinstein, ed.), Londres, Croom Helm, pp.91-121
- (1983), (Dir.), *Oisiveté et Loisirs dans les sociétés occidentales au XIX siècle*, Coloque interdisciplinaire Amiens-1982, Abbeville, Paillart

<sup>1</sup> L'essence de l'aristocratie en France au XIXe siècle : entre luxe et simplicité-comunicação feita no Centre Pierre Léon da Universidade de Lyon II, em Abril de 2002.

- (1984), Les genealogies sociales: un des fondements de l'histoire sociale comparative et quantitative", in "Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, S. Paulo, nº 2
- (1984), (co-autoria), *História Social do Brasil – Teoria e Metodologia*, Curitiba, Universidade Federal do Paraná
- (1985), *Hierarquia e Riqueza na Sociedade Burguesa*, S. Paulo, Perspectivas
- (1986), "La vie de salon en France dans la première moitié du XIX siècle", in "Sociabilité bourgeoise en France, en Allemagne et en Suisse, 1750-1850, Paris, Éd. Recherche sur les Civilisations, pp.81-93
- (1987), *Les bourgeois et la bourgeoisie em France*, Paris, Aubier, Montaigne (traduzido para português)
- (1988), *Les Noblesses Européennes au XIX siècle*, separata das atas do colóquio organizado, em 1985, pela Università di Milano e pela École Française de Rome.
- (1989), "La société bourgeoise en France au XIX siècle", in "Revista de História", Centro de História da Universidade do Porto, Porto, vol. IX, pp. 247-266
- (1990), A mulher na sociedade burguesa em França no século XIX", in "Ler História, Lisboa, nº20
- (1991), "Arranjo, amor, afeição: o casamento na sociedade burguesa do século XIX", in "Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, Curitiba, nº6
- (1996) *La bourgeoisie parisienne de 1815 à 1848*, Nova edição com prefácio da autora pp. I-XXVIII; Obra premiada pela Académie des Sciences morales et politiques; Paris, Albin Michel

Do seu curriculum fazem parte muitas acções desenvolvidas no âmbito da colaboração interuniversitária e de que destacamos a direcção de seminários em universidades brasileiras onde, a convite da Universidade do Paraná (Curitiba), criou um centro de história social, uma revista e dirigiu várias teses sobre a sociedade brasileira. No nosso país proferiu conferências no ISCTE (Lisboa) e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde arguiu, também, a minha tese de doutoramento.

Conheci a obra da Professora Adeline DAUMARD ainda como estudante na FLUP. Quando em 1988 decidi que o estudo da burguesia seria o tema da minha dissertação de doutoramento, o meu orientador, Professor Luís António de Oliveira Ramos, de imediato, preparou o meu contacto com aquela especialista que viria, generosamente, a aceitar o encargo de co-orientadora da minha investigação. Mais tarde, em Junho de 1988, subindo as escadas do edifício da Sorbonne ao seu encontro não sabia, ainda, o quanto o nosso convívio viria a ser importante para mim. Com o decurso dos anos os relatórios da evolução dos trabalhos, sempre minuciosamente estudados e comentados pela notável professora, foram sendo substituídos por cartas sobre temas históricos, evolução das universidades, observações do quotidiano político-civilizacional, e a intimidade foi-se urdindo. Apesar de ter sido sempre aberta quando inquirida, o enorme respeito que por ela sempre senti afastou-me de muitas das perguntas que gostaria de lhe ter feito. Acompanhei a tenaz luta que travou contra um cancro que minava o seu corpo sem que ela lhe desse tréguas. Os últimos meses foram particularmente violentos mas, apesar das limitações que as contínuas sessões de quimioterapia lhe provocavam, nunca desistiu de trabalhar, de procurar, sem êxito, editor para uma obra de que todos sentiremos a falta: "*Les droits et les devoirs: essai sur la morale vécue au XIX siècle (1815-1914)*", cujo plano a entusiasmava desde 1998, apenas retardado quando os familiares mais próximos exigiam a sua presença, dedicadamente concedida

até a deixarem para sempre, abalada, mas voltando, de novo, à investigação, ao trabalho, de que foi fiel amiga até ao fim, como constatei quando, recentemente, lhe pedi colaboração para a nossa revista. A resposta foi pronta, indicando-me, em Outubro passado, os temas possíveis da sua próxima colaboração:

- “Aspirations individuelles et contraintes familiale”
- “classes moyennes et nouvelles couches”
- “les testaments des Parisiens au XIX siècle”

Personalidade notável, de espírito superior, exímia conversadora, defensora entusiasta dos seus pontos de vista, extremamente rigorosa, aliava uma enorme e severa integridade a uma humanidade atenta e delicada que fizeram dela um ser humano inimitável. A História Social perdeu uma das suas mais proficuas investigadoras, eu perdi, também, uma mestre e uma amiga singular.

*Maria Antonieta Cruz*

***“Conference of the International Federation for  
Research in Women’s History”***  
(Belfast, 11-14 Agosto 2003)

Realizou-se nos dias 11 a 14 de Agosto, em Belfast, Irlanda do Norte, um Congresso Internacional promovido pela International Federation for Research in Women’s History, subordinado ao tema: “Women, family, private life and sexuality”.

As conferências de abertura estiveram a cargo de Judith Bennett (Universidade da Carolina do Norte, EUA), e Merry Wiesner-Hanks (Universidade de Winsconsin- Milwaukee, EUA), tendo sido apresentadas, respectivamente, as palestras intituladas: “Who’s afraid of distant past? The relevance of premodern in a postmodern World” e “Women’s history and world history”.

Distribuídas por 65 painéis temáticos, foram apresentadas cerca de 250 comunicações de investigadores provenientes de toda a Europa (Portugal, Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda do Norte, Irlanda do Sul, Espanha, França, Suíça, Suécia, Hungria, Albânia, Bulgária, Polónia, Alemanha, Eslovênia, Lituânia, Rússia, Finlândia, Noruega, Bélgica, Grécia, Holanda, Áustria), América (Canadá, Estados Unidos, Jamaica, Argentina), África e Ásia (Tunísia, África do Sul, Madagascar, Nigéria, Bangladesh, Botswana, Israel, Índia, Paquistão, Coreia do Sul, Japão), Austrália, Nova Zelândia e Oceania.

Versando áreas tão vastas quanto as da política, sociedade, economia, justiça, família, literatura, sexualidade, casamento, negócios, trabalho, contraceção, prostituição, homossexualidade, educação, história oral, maternidade, feminismo, vida privada, quotidiano, assistência médica e social, relações inter-raciais, colonização, missionação, emigração, marginalidade, a situação da mulher nas sociedades islâmicas, religião e piedade e globalização, o encontro extrapolou em muito questões de género e, com particular incidência no período contemporâneo (finais do século XVIII ao século XX), discutiu questões centrais da historiografia mundial produzida em torno da história das mulheres, a cujo estudo a Associação que promoveu o Congresso se dedica.

O próximo Congresso desta Associação realizar-se-á em Sidney (Austrália), em 2005.

Mais informações sobre esta organização e as suas realizações poderão ser pesquisadas em <http://www.historians.ie/women>.

*Amélia Polónia*

***“Guerre et Economie dans le Monde Atlantique du XVIe. au XXe. siècle.  
Stratégies en Échec, Logiques d’Adaptation”***  
(Bordéus, 3-4 Outubro de 2003).

Promovido pelo CAHMC (Centre Aquitain de Histoire Moderne et Contemporaine), em colaboração com a MSHA (Maison des Sciences de l’Homme d’Aquitaine) e a TEMIBER (Maison des Pays Ibériques), e coordenado por Silvia Marzagalli e Bruno Marnot, realizou-se em 3 e 4 de Outubro o colóquio internacional subordinado ao tema “Guerre et Economie dans le Monde Atlantique du XVIe. au XXe. siècle ). Stratégies en Échec, Logiques d’Adaptation”.

Com o objectivo de analisar as repercussões da guerra sobre a economia das vilas portuárias e seu *hinterland* na Época Moderna e Contemporânea, o colóquio centrou a discussão em seis áreas de trabalho:

- Guerra e novos modelos económicos
- Guerra e indústria
- Guerra e políticas de Estado
- Guerra e reorganização de circuitos comerciais
- Guerra, negócios e portos
- Gentes de mar e frotas em tempos de guerra.

Contando com a presença de 17 especialistas provenientes da França, Espanha, Portugal, Polónia, Alemanha, Holanda e Estados Unidos, o encontro procurou fornecer alguns contributos para o estudo do funcionamento da economia atlântica, dos espaços e dos empreendimentos dependentes de trocas marítimas, e analisar as repercussões de conjunturas de guerra na reorganização de estratégias e na consolidação e perda de supremacias económicas e políticas.

Valorizando os estudos monográficos sobre empresas, portos e seus *hinterlands*, o encontro permitiu o desenvolvimento de uma perspectiva comparativa e a aquisição de algumas linhas de rumo das economias atlânticas, desde o século XVI, altura em que se verificam alterações significativas na construção do mundo atlântico, e o século XX, marcado pelos teatros de guerra dos dois conflitos mundiais.

Confrontando aporções de espaços geo-políticos múltiplos, o colóquio evidenciou as vantagens de trocas de experiências e de confronto de aquisições e tendências historiográficas desenvolvidas num espaço atlântico europeu.

*Amélia Polónia*

### **Ciclo de Conferências «História Contemporânea e Desporto» do Instituto de História Contemporânea da FLUP**

(Auditório da Reitoria da U. P., 7, 14, 21 e 28 de Novembro de 2003)

Ao longo do mês de Novembro, com uma periodicidade semanal, o Instituto de História Contemporânea da FLUP promoveu a realização de um ciclo de quatro conferências subordinado ao tema “História Contemporânea e Desporto” que decorreu no Auditório da Reitoria da Universidade do Porto.

A primeira conferência, ocorrida a 7 daquele mês, foi proferida pela Dr.<sup>a</sup> Irene Flunser Pimentel e subordinou-se ao título “Mocidade Portuguesa Feminina e Desporto”. Aquela investigadora dedicou ao tema extensa pesquisa como se comprova na sua obra *História das Organizações Femininas do Estado Novo* (Círculo de Leitores, 2000 e Temas & Debates, 2001). Depois de articular o debate sobre educação física com as teorias eugenistas que preconizavam o “aperfeiçoamento da raça” e a “regeneração da nação”, a oradora apresentou as linhas principais da política do Estado Novo sobre a educação física, nomeadamente a acção do ministro Carneiro Pacheco e a criação da Mocidade Portuguesa Feminina (1937); realçou a polémica sobre os perigos do desporto feminino “masculinizante”; salientou a abertura da MFP às competições desportivas a partir de finais dos anos quarenta e enquadró o papel orientador e fiscalizador daquela organização sobre a educação física escolar até 1966.

Na semana seguinte, o tema em debate foi “Sociologia e Ética do Desporto”, comunicação apresentada pela socióloga Salomé Marivoet que sobre o assunto se encontra a preparar a sua dissertação de doutoramento. Esta docente da FCDEF da Universidade de Coimbra tem

numerosos trabalhos realizados no âmbito da sociologia do desporto entre os quais se pode destacar *Aspectos Sociológicos do Desporto* cuja 2ª edição foi editada em 2002 pelos Livros Horizonte.

João Nuno Coelho escolheu para título da sua palestra “Nacionalismo, Futebol e *Media*” na qual apresentou as conclusões e interrogações principais da sua obra *Portugal, a equipa de todos nós. Nacionalismo, futebol e os media* (Afrontamento, 2001) a qual resultou da sua dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e lhe granjeou, em 1999, o Prémio Jovem Cientista Social de Língua Portuguesa do Centro de Estudos Sociais da FEUC. Esta conferência relacionou, sob diversas perspectivas, nacionalismo, futebol e *media*, com o objectivo de apreender as formas e processos de reprodução simbólica e ideológica da nação nos últimos cinquenta anos de actividade da selecção nacional de futebol. A prelecção beneficiou ainda da investigação recente do autor sobre a história do futebol no nosso país (*A Paixão do Povo: a história do futebol em Portugal: 1888-2002*, Afrontamento, 2002).

A última conferência contou com a participação de dois arquitectos, Manuel Salgado e Carlos Nozza, que patentearam as suas ideias sobre “Arquitectura e Desporto”. O primeiro, autor e co-autor de alguns dos mais importantes projectos de arquitectura do nosso país, apresentou uma síntese magistral sobre a história da arquitectura desportiva, nos planos nacional e internacional, evidenciando a evolução dos sentidos e significados dos recintos desportivos, bem como as suas crescentes solicitações de multifuncionalidade, estética, segurança, conforto e prevenção do vandalismo. Particularmente interessante foi a sua interpretação da articulação entre eventos desportivos e cobertura televisiva (que teve início nos Jogos Olímpicos de Roma) cujas implicações na arquitectura dos estádios são evidentes, suscitando a necessidade do designado “efeito postal”. A intervenção do arquitecto Manuel Salgado finalizou com algumas referências ao seu último projecto de arquitectura desportiva – o Estádio do Dragão – ressaltando a sua inserção na cidade do Porto, objectivos e especificidades.

Já a apresentação do arquitecto Carlo Nozza, colaborador de Eduardo Souto Moura na concepção do Estádio Municipal de Braga, focalizou os aspectos mais originais daquela obra de arquitectura implantada no Parque Desportivo de Dume, adoçada à encosta Norte do Monte Castro em jeito de anfiteatro romano. A opção pelas duas bancadas foi feita em nome da fruição total do espectáculo, evitando a colocação de público atrás das balizas. Por sua vez, a cobertura em forma de pala contínua beneficiou da experiência de Sisa Vieira (Pavilhão de Portugal, Expo’98) e elegeu como referências as pontes Incas do Perú. A relação com a cidade constituiu uma prioridade pelo que o Estádio – com uma altura de 40 metros— fica adoçado a duas praças com o mesmo desnível, podendo o edifício servir de “âncora” à organização do território, na emergente expansão da cidade a Norte.

Este ciclo de conferências teve a assistência de um público diversificado, sendo de realçar os estudantes e docentes de diversas faculdades da Universidade do Porto, mas também professores do ensino básico e secundário. A organização do evento ficou a cargo do Instituto de História Contemporânea, através dos seus membros Luís Alberto Marques Alves e Maria da Conceição Meireles Pereira e contou com o apoio do Gabinete de Eventos e Relações com o Exterior da FLUP.

*Maria da Conceição Meireles Pereira*



**«Présence et Représentations du Monde Atlantique dans les Villes d'Europe Occidentale du Moyen Âge au XXe. Siècle»**  
(Nantes, 27-29 Novembro de 2003)

Organizado pelo CRHMA (Centre de Recherches sur l'Histoire du Monde Atlantique), da Universidade de Nantes, e coordenado por Guy Saupin, realizou-se em Nantes, de 27 a 29 de Novembro o colóquio internacional « Présence et représentations du Monde Atlantique dans les Villes d'Europe Occidentale du Moyen Âge au XXe. Siècle ».

Procurando discutir, na diacronia, a existência de um perfil e de modelos de construção da vila atlântica, tendo em conta a identidade porventura concedida a vilas portuárias inseridas no mundo atlântico, e afectadas por conjunturas marcantes desse universo marítimo, o encontro reuniu 38 especialistas de história urbana e história marítima, mas também das áreas de gearquitectura, literatura, museologia e planeamento urbano.

Provenientes de França, Espanha, Portugal e Reino Unido, e representando as universidades de Paris IV, Nantes, Bordeaux III, Bretagne Sud, Tours, Rennes II, Bretagne Occidentale, La Rochelle, Le Havre, Madrid, Bilbao, Cantábria, Cádiz, Porto e Bristol, os comunicantes distribuíram-se por quatro áreas de trabalho:

- Economia atlântica e equilíbrio funcional da vila
- A vila e a emigração atlântica
- O impacto atlântico sobre a paisagem urbana
- A referência atlântica no discurso e nas imagens

O encontro permitiu, pela sua vocação de análise diacrónica, auscultar a existência de modelos de construção e estruturação económica, social e urbanística da vila atlântica, em cortes cronológicos marcados por conjunturas internacionais distintas, influentes na organização territorial, política e económica do espaço atlântico como um todo, e das vilas portuárias na sua singularidade. O privilégio concedido à apresentação de estudos de caso, centrados em vilas portuárias francesas, espanholas, portuguesas e inglesas, contribuiu para sublinhar, por comparação, a definição de uma identidade e um perfil comum às vilas portuárias, que todavia se discute ainda ser ou não específico das vilas atlânticas.

*Amélia Polónia*

**European Society for Environmental History (ESEH)**  
**2<sup>nd</sup> International Conference of the European Society for**  
**Environmental History**  
**“Dealing with diversity”**  
**Charles University in Prague, Faculty of Science**  
**Praga, Czechia**  
(3-7 September 2003)

A Universidade de Praga preparou-se, metodicamente, para receber os quase 200 participantes da II Conferência Internacional sobre a História do Meio Ambiente, organizada pela *European Society for Environmental History (ESEH)*.

O tema designado, *Dealing with diversity*, numa tradução liberal, “Lidar com a diversidade”, foi abordado sob diversos ângulos temáticos e temporais. A estrutura do encontro articulou uma conferência de abertura, assumida pelo Professor Bill Luckin, do Bolton Institute, United Kingdom (*Diversity and Relative Maturity in Environment History*), com sessões temáticas simultâneas, sessões plenárias, preenchidas com a apresentação de *posters*, e mesas redondas.

A Universidade de Praga aproveitou o encontro internacional para divulgar o país, a cidade e a Universidade, numa linha coerente com a temática em causa. Daqui decorreu a projecção do filme “The water is the Elements-Floods in Bohemia 2002”, comentado por Josef Hladn, do Instituto Hidrometeorológico da República Checa, uma reflexão acerca dos problemas ambientais decorrentes de chuvas intensas e inesperadas que atingiram a região, e ainda visitas a lugares situados em torno da cidade de Praga, notáveis pelos recursos paisagísticos e históricos, mas afectados por dificuldades de ordenamento do território, migrações pendulares e ocupação desequilibrada dos solos, etc., etc..

As 198 comunicações foram distribuídas por diferentes unidades temáticas: *Aquatic, Climate and Catastrophes, Colonial and Post-Colonial, Lifestyles, Energy, Ideas, Pollution, Politics, Urban, Forest History, Land Use, Changes, Species, Resources and Technology*. Acrescenta-se a estas a inclusão de um espaço reservado a sessões ligadas, não a um tema, antes a um tempo - *Medieval* - e ainda sessões dedicadas especificamente ao espaço Checo (*Czech and Slovak plenary session*). Organizaram-se ainda três mesas redondas sobre *Environment and Education, Environment movements*, e ainda *Nazis and the Environment*.

Dos 240 *papers e posters* apresentados, apenas 156 puderam ser aceites e incluídos no programa da Conferência. Os produtos deste encontro ficaram registados sob a forma de resumos, numa publicação entregue aos participantes na abertura da Conferência. O Comité Científico seleccionou 63 das comunicações apresentadas nas diferentes sessões e 11 procedentes das sessões dedicadas à realidade Checa, publicando-as sob o título *Dealing with Diversity, 2<sup>nd</sup> International Conference, Proceedings*, Praga, Charles University in Prague, Faculty Of Science, Praha, 2003, ISBN 80-86561-09-7.

O universo dos participantes compreendia, fundamentalmente, investigadores da Europa, e ainda delegações da América do Norte (Estados Unidos e Canadá) e África (África do Sul). De Portugal, estiveram representantes da área de Biologia, do Departamento de Biologia do Instituto Politécnico de Bragança e da área de História, da Universidade Nova de Lisboa e da Faculdade de Letras do Porto.

Uma semana após o decurso da conferência, a organização colocou, no *website* da ESEH, um breve resumo da Conferência e algumas imagens do evento. Toda esta informação poderá ser confirmada e aprofundada em ([www.esch.org](http://www.esch.org)).

*Inês Amorim*

**FONSECA, Luís Adão da; AMARAL, Luís Carlos; SANTOS, Maria Fernanda Ferreira (coord.), 2003 - *Os Reinos Ibéricos na Idade Média. Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, 3 vols., Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Livraria Civilização Editora.**

Natural de Lisboa, onde nasceu em 1934, o Prof. Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno concluiu aí, na respectiva Faculdade de Letras, a licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, em 1961. Passados dois anos encetou a sua carreira universitária como 2.º Assistente nos Estudos Gerais Universitários de Moçambique, mais tarde convertidos na Universidade de Lourenço Marques, Escola onde, em 1973, obteve o grau de Doutor com a máxima classificação. Regressado a Portugal na sequência da Revolução de 1974 e do processo de independência dos territórios ultramarinos, viria a integrar, em 1975, o quadro docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Radicado definitivamente na cidade nortenha, aqui desenvolveu a parte mais substancial da sua actividade pedagógica e do seu profícuo trabalho de investigação.

Tendo decidido aposentar-se no decurso do ano lectivo de 2000/2001, no momento em que completava quatro décadas de investigação, entendeu o Departamento de História da F.L.U.P. organizar um ciclo de iniciativas de homenagem, que testemunhasse o apreço e reconhecimento pelo muito que o Prof. Baquero Moreno deu à sua Escola e à Historiografia portuguesa. A obra em epígrafe representa precisamente o culminar desse ciclo.

Dividida em três volumes, num total de 1513 páginas, comporta 158 estudos organizados em dois grupos de extensão naturalmente desigual. O primeiro, intitulado *Estudos de História Medieval e do Renascimento*, engloba 140 trabalhos, cabendo ao segundo, *Outros Estudos*, integrando artigos de temas e cronologias não medievais, os restantes 18. Estes dois conjuntos são precedidos por umas breves *Palavras de Apresentação*, da autoria de Luís Adão da Fonseca, e por dois textos que abordam a biografia e a obra histórica do Prof. Baquero Moreno, anteriormente apresentados na sessão pública de homenagem que decorreu na F.L.U.P., em 23 de Outubro de 2001. Por último, e ainda antes do primeiro conjunto de artigos, encontra-se a *Bibliografia* do homenageado, que contém 305 títulos publicados entre 1961 e 2001.

Convirá salientar, antes de mais, a grande diversidade temática dos trabalhos, em particular dos de História Medieval, que traduz não apenas o elevado número e a alargada proveniência dos autores — 175, sendo 91 portugueses e os restantes 84 de Espanha, Hungria, Brasil, Itália, Bélgica, Inglaterra, Alemanha e Argentina —, mas também a própria personalidade e amplitude da obra do Prof. Baquero Moreno. Neste contexto, além dum importante núcleo de artigos que privilegiou o estudo das relações entre as monarquias ibéricas, encontramos abordagens que nos aproximam da vivência quotidiana das minorias religiosas e étnicas de judeus e muçulmanos, ou ainda da mulher e da família medievais, e outras que nos esclarecem sobre problemas de história eclesiástica, acerca dos primórdios da expansão ultramarina, sobre as cidades e suas estruturas económicas e fiscais, sobre a orgânica interna dos senhorios e o processo de senhorialização, sobre as estratégias políticas e económicas da aristocracia, sobre aspectos vários da governação régia, acerca da conflitualidade social, sobre problemas diversos da história cultural e da arte da Idade Média peninsular, etc..

Pelo vasto âmbito temático e cronológico dos estudos, limitadamente perceptível nesta brevíssima nota de apresentação, conclui-se que o presente *Livro de Homenagem*, para além de justo reconhecimento da comunidade científica pelo constante e proveitoso trabalho do Prof. Baquero Moreno, passa a constituir, igualmente, referência significativa no panorama da Historiografia medieval hispânica.

JAÉN, Cristobal Robles, 2003 - *Espanña y la Europa Liberal ante la crisis institucional portuguesa (1846-1847)*, Murcia, Universidad de Murcia. (Prólogo de Juan B. Vilar, 3 págs)

Cristobal Robles Jaén lança-nos um interessante desafio: revisitar o período conturbado e tenso de 1846-1847 através dos protagonistas diplomáticos estrangeiros que no quadro da Aliança de 1834 foram intervindo nesse Portugal em guerra civil.

O tempo negocial internacional, que percorreu a contenda que opôs setembristas a cartistas, dá-nos a perspectiva que o problema não era necessariamente e só exclusivo dos portugueses mas tinha uma incontornável dimensão internacional, porque o risco de ruptura das nascentes instituições liberais encontrou eco nas potências que a 22 de Abril de 1834 subscreveram um tratado: a França e a Grã-Bretanha comprometiam-se a consolidar os regimes liberais tanto da Espanha como de Portugal, estados peninsulares que posteriormente vieram a aderir configurando a denominada Quádrupla Aliança que na formulação primeira era um pacto em que Londres e Paris apoiavam Espanha e Portugal. Este *protectorado* foi o modo de garantir nos Estados Ibéricos uma orientação ocidental.

Neste contexto – particularmente o que aconteceu, em Portugal, no Verão de 1846 – é significativa a intervenção espanhola relativamente à insurreição progressista no Porto – Junta do Porto – e ao provável estabelecimento de um governo – com a ajuda britânica – que poderia rivalizar com o de Lisboa fazendo perigar as instituições liberais. Este facto, remete indelevelmente para uma circunstância crucial no equilíbrio dos interesses dos Estados-Nação: “A intervenção espanhola foi o primeiro gesto da política independente de Espanha como grande potência na Europa de Viena, actuando pela primeira vez desde 1815 nos assuntos europeus por iniciativa própria e sem manifesta subordinação aos ditames do Reino Unido e da França”, como sublinha Juan B. Vilar no “*Prólogo*”; ou seja é a reacção de uma Espanha que paulatinamente se vai emancipando da sua imagem quase extra-europeia e recuperando da sua condição de estado marginal na cena europeia.

A progressiva degradação dos laços que uniam os quatro Estados-Nação, assume, em 1846, um ponto tal que com a “questão dos matrimónios espanhóis” se assiste ao distanciamento espanhol relativamente ao eixo franco-britânico; o desaparecimento fáctico da Aliança possibilitou, então, à Espanha assumir uma política internacional independente.

É justamente nesta óptica que Cristobal Robles Jaén nos propõe explicar aspectos e detalhes do complexo processo diplomático que foi acompanhado pela intervenção militar de Manuel Gutiérrez de la Concha. Em quatro capítulos dá-nos uma dupla sequência – temática e cronológica – dos factos que estiveram na base dessa intervenção; balanceando o relato com a análise constrói-*uma* história desse período em que com precisão nos dá a visão da Espanha sobre a guerra civil em Portugal e a tensa e dilemática fixação da natureza da crise, por parte da França, da Grã-Bretanha e da própria Espanha (que assistiu á mudança de governo mas ainda a um intenso debate interno entre moderados e progressistas: cf. pp. 29, 78, 107, 120-121, 197), cuja expressão se encontra na atribuição da cláusula de *casus foederis* ( cf. pp. 28-29,34, 39, 47, 53, 57, 65, 120, 142), ultrapassando uma retórica (e abstracta) defesa do bloco ocidental. A proposta de uma solução negociada configurou-se (nomeadamente pelo Acordo de Madrid de 19 de Abril e pelo Protocolo de 28 de Abril em que se estabeleceu por parte da Espanha e da Grã-Bretanha uma mediação na guerra civil, *que* encontrou ambiguidades na posição da diplomacia francesa, cf. pp. 77 e 84) mas, a eventualidade de uma intervenção armada estava presente - veja-se o Protocolo

de Londres de 21 de Maio e a conjugação de posições entre Paris e Londres (cf. pp. 117-121, 127 sq.) – o que originou tensões entre Madrid e Londres – Protocolo de Madrid de 31 de Maio (cf. pp. 135 sq.). A situação interna em Portugal degradava-se acentuadamente, nas dimensões económico-social e política, pondo em relevo as contradições entre “as forças dinásticas portuguesas e as três potências aliadas que procuravam equilibrar a sua influência em Portugal, onde a Inglaterra tinha uma hegemonia que podia marginalizar cada vez mais a França e a Espanha” (p. 179).

A intervenção espanhola consumou-se e o regresso à normalidade constitucional foi-se estabelecendo, não sem ambiguidades – cf. pp. 180 sq.; 211-218 (sobre os cabralistas); 238, 242 (sobre a luta entre lojas maçónicas); 223-229 (sobre o processo eleitoral); veja-se, também, reacções à Convenção de Gramido e Protocolo de Lisboa de 2 a 4 de Julho de 1847 -.

Sendo a posição Espanhola, e também da França, a criação de uma via em que Portugal fosse gradualmente orientado para um quadro de legalidade, o desfecho da crise foi contudo, favorável aos interesses de Londres e encerrou a etapa de colaboração que desde 1834 se vinha dando no quadro da Quádrupla Aliança entre os regimes liberais de Portugal e de Espanha, sobre a base da mútua ajuda entre a moderação espanhola e o conservadorismo português. A crise de 1846 – 1847 e a intervenção espanhola possibilitam ainda sublinhar três aspectos: a mediação que se estabeleceu foi na realidade uma arbitragem; da paz em Portugal dependia em grande medida a tranquilidade em Espanha; e a manutenção da orientação ocidental nos dois Estados Ibéricos (sistema político) funcionaria como garantia dos investimentos económicos, particularmente da França e da Grã-Bretanha ( cf. pp. 240-243).

*José António Afonso*

**RÁKÓCZI, István, 2003 — *Mares Literários Luso-Húngaros*, Lisboa, Edições Colibri.**

O Professor István Rákóczi é um académico e apaixonado lusófilo húngaro que, desde há um quarto de século e, em particular, na Universidade Eötvös Loránd de Budapeste (ELTE), vem dedicando muito do seu esforçado labor ao estudo, ao ensino e à divulgação da Língua, da Literatura e da História portuguesas. Os 21 trabalhos que entendeu reunir no presente volume (230 p. + 6 p. de gravuras) representam, nas suas próprias palavras, a tentativa de “reunir e sistematizar a obra menor, física e geograficamente dispersa (...), de que o seu autor, saudoso, numa encruzilhada profissional, se despede”, nas vésperas “de partir para outras «gostosas guerras», na ambígua acepção camoniana deste termo” (p.7). Seja como for, escritos na sequência de solicitações várias (colóquios, congressos, conferências, etc.), oferecem-nos um panorama alargado das relações que o tempo foi tecendo entre Portugal e a Hungria, o mesmo é dizer entre duas margens opostas da *Cristandade* europeia.

A diversidade dos temas abordados permite-nos tomar consciência dos múltiplos pontos de contacto, ao mesmo tempo que ajuda a definir com rigor o quadro dentro do qual se poderá construir, no futuro, uma visão de síntese sobre o relacionamento luso-húngaro ao longo dos séculos. Uma circunstância chama especialmente a atenção do leitor, não tanto porque venha referida de forma explícita, mas porque se pressente na leitura de boa parte dos estudos: húngaros e portugueses pertencem àquele conjunto de povos e nações cuja Cultura parece exceder largamente as suas reais dimensões geográficas e humanas.

Somos assim levados a aprofundar os nossos conhecimentos sobre as presumidas raízes húngaras da primeira dinastia régia portuguesa, acerca da passagem do Infante D. Pedro pela Hungria e dos seus encontros e desencontros na corte do Imperador Segismundo, sobre o paralelismo das vidas e milagres de Santa Isabel da Hungria e da Rainha Santa Isabel de Portugal, acerca do exílio e morte do derradeiro Imperador Habsburgo, Carlos I, na ilha da Madeira, e ainda sobre as relações diplomáticas luso-húngaras no período compreendido entre as duas guerras mundiais. Referências especiais merecem também os artigos dedicados à expansão portuguesa e seus reflexos na Europa Central e os de matéria especificamente literária. Destacaria, entre os primeiros, o trabalho respeitante à curiosíssima obra do matemático, astrónomo e jesuíta húngaro, Padre Ignác Szentmártonyi, no levantamento científico da bacia amazónica, na década de cinquenta do século XVIII, e nos segundos as abordagens pouco convencionais de aspectos vários das obras de escritores tão diferenciados entre si, cronológica e estilisticamente, como Gil Vicente, Luís de Camões ou José Saramago. Cabe assinalar, igualmente, a atenção dispensada pelo autor à análise comparativa, de que constituem exemplos significativos o já citado estudo relativo às duas Santas Rainhas e o que confronta Camões com o grande épico húngaro Sándor Petöfi. Registe-se, por último, que o livro encerra com um conjunto de 11 seleccionadas gravuras, que apenas pecam por não estarem devidamente inseridas nos estudos a que respeitam.

Estamos, pois, na presença de um utilíssimo e interessante livro, que, ao propor elementos de compreensão mútua, esclarece e desperta a curiosidade sobre o próximo e o distante, o semelhante e o diferente nas relações luso-húngaras. Sirvam estas breves palavras de apresentação como um convite à sua leitura.

*Luís Carlos Amaral*

**RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), 2003 – *Europa em Mutação. Cidadania. Identidades. Diversidade Cultural. Actas do Curso Intensivo, 20 de Fevereiro a 2 de Março de 2003*, Coimbra, Quarteto Editora, Coleção Estudos sobre a Europa, nº 4, 336 p.**

Inserida na colecção Estudos Sobre a Europa, esta obra reúne dezoito estudos apresentados no Curso Intensivo/IP – Programa Socrates coordenado pela Professora Maria Manuela Tavares Ribeiro que, à semelhança do realizado no ano anterior (*Identidade Europeia e Multiculturalismo*, Coimbra, Quarteto Editora, 2002), agregou professores e estudantes de diversas universidades nacionais e estrangeiras com o intuito de debater a Europa, desta feita focalizando questões candentes como a cidadania, as identidades nacionais, o diálogo e a diversidade/unidade culturais, entre várias outras. Como refere a coordenadora na introdução da obra, a desejada natureza multidisciplinar e transversal do encontro foi alcançada através da participação de “especialistas de formação em diferentes áreas do saber (línguas e literaturas clássicas e modernas, história, filosofia, geografia, sociologia, direito, ciência política e economia)”.

Seguindo a trilogia do subtítulo, os estudos podem agrupar-se em três áreas temáticas principais: a diversidade e evolução das práticas de cidadania; as identidades colectivas e a sua reconfiguração necessariamente articulada com a recomposição dos territórios europeus; a diversidade cultural europeia geradora da sua força criativa e inovadora. Subjacente a estas temáticas, verificamos que muitos dos trabalhos incluídos na colectânea desenvolvem as suas premissas a partir de fenómenos recentes como a evolução/alargamento da União Europeia, a imigração, a globalização e a mundialização.

Maria do Céu Fialho, professora catedrática da FLUC e coordenadora científica do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, apresenta o estudo *Cidadania e Celebração na Grécia Antiga* onde aborda o tema da identidade helénica que, tal como as outras, “nasce e consolida-se em necessária correlação com a experiência de alteridade”, sendo o Outro, o Não-grego, desde muito cedo, entendido como o bárbaro, pese embora fossem nítidas as alteridades internas. A reafirmação da aliança era atingida através de um ritual de celebração em honra de um deus – os Jogos Olímpicos – de carácter nitidamente pan-helénico.

O texto de Cristina Robalo Cordeiro (também catedrática da FLUC) intitula-se *Escritas da História: a inscrição identitária na ficção portuguesa contemporânea* e busca a Europa (representações e construções identitárias) no imaginário ficcional português, concretamente em cinco autores – José Saramago, António Lobo Antunes, Almeida Faria, Paulo Castilho e Mário Cláudio – baseando-se – “em três posições, aliás, três preposições distintas: *a partir de, contra e pela.*”

*Mitos e realidades: a Mitteleuropa e os seus avatares* é o tema desenvolvido por outro professor da FLUC, António Sousa Ribeiro, que entende o conceito de *Mitteleuropa* como uma utopia nunca realizada pois “mais do que corresponder a uma realidade geopolítica, esteve sempre associado à construção de uma topografia imaginária cujos contornos, essencialmente fluidos, foram variando ao sabor de interesses estratégicos e de constelações culturais diversos”.

Augusto Rogério Leitão (professor da Licenciatura em Relações Internacionais da FEUC e coordenador do Centro de Estudos sobre a União Europeia - CEUNEURO) é autor de um texto interrogativo — *A política europeia de segurança e defesa: o último grande desafio da União Europeia?* – que discorre sobre as hesitações e alterações que aquelas matérias têm suscitado no seio da União Europeia e da NATO.

*Identidade e Autonomia. O debate dos Açores* é o tema apresentado por Carlos Cordeiro, professor da Universidade daquele arquipélago, que se baseia na imprensa açoriana da 2ª metade de Oitocentos e duas primeiras décadas da centúria seguinte para evidenciar o clima de vincada contestação à política central e conseqüente reivindicação da específica identidade regional geradora do discurso emancipador e autonómico.

O artigo de Fernanda Delgado Cravidão, professora catedrática de Geografia da FLUC, intitula-se *Turismo e Cultura – dos Lugares aos Itinerários* e considera a actividade turística um fruto da modernidade de inquestionável importância cultural, económica e política mas que deve pautar-se pela sustentabilidade, tendo em vista o território como um recurso finito e o respeito pelas populações locais como um dever.

Com a interrogação *Há um modelo europeu de ordem mundial?*, José Manuel Pureza, coordenador da Licenciatura em Relações Internacionais da FEUC, analisa o lugar da Europa na nova cartografia do poder e da governação mundiais traçadas após o 11 de Setembro de 2001.

Cristina García Nicolás, professora do instituto de Estudos Europeus e Direitos Humanos da Universidade Pontifícia de Salamanca, no estudo *Diversidad en la ampliación. Grupos minoritarios en los países candidatos a la Unión Europea* avalia a ampliação da União Europeia (2004 e 2007) como um fenómeno que não pressupõe (apenas) o simples ingresso de dez novos países membros, mas também, e sobretudo, um aumento da diversidade cultural assente nas minorias étnicas, linguísticas e religiosas provenientes dos estados em vias de integração.

Ariane Landuyt e Daniele Pasquinucci, ambas professoras na Universidade de Siena e especialistas em História Europeia, são as autoras do estudo *Retour à Copenhague. La presse italienne et l'élargissement de l'UE*. Partindo do pressuposto que a adesão dos países da Europa

central e oriental à União Europeia constitui um “alargamento sem precedentes”, quer sob o ponto de vista da quantidade quer da qualidade, este artigo analisa a forma como a imprensa italiana apresentou aos seus leitores as negociações das adesões referidas, balizadas entre as duas Cimeiras de Copenhague (1993 e 2002).

*Identité nationale, identité “politéienne” et citoyenneté à l’époque de la mondialisation* é o título do artigo de Georges Contogeorgis, professor de Ciência Política na Universidade de Panteion (Atenas), que analisa os vários significados do fenómeno designado por “mundialização” e as suas eventuais implicações a nível das alterações identitárias.

O artigo de Mercedes Samaniego Boneu, professora catedrática de História Contemporânea de Salamanca, é uma exortação: *Promover la diversidad*. Partindo do princípio de que a história é o reconhecimento da mudança no tempo e da evolução contínua, e que a sociedade se actualiza dia a dia transformando-se praticamente em todas as suas manifestações, este texto defende a tese de que a atitude mais adequada para resolver os conflitos em constante surgimento é a promoção da diversidade.

Juan Gay Armenteros, professor de História Contemporânea de Granada, elegeu o tema *Identidad europea y cultura. Nación, nacionalidad, nacionalismos* com o objectivo de precisar estes conceitos, nomeadamente à luz das teorias mais recentes – a pósmodernidade que sucede à crise do pensamento racionalista – e de fenómenos ocorridos ou acelerados nas últimas décadas como é exemplo a globalização económica, informática e de comunicações.

Nicole Pietri lecciona História Contemporânea na Universidade Robert Schuman de Estrasburgo e reflecte sobre a imigração na Alemanha, sobretudo a turca, no estudo *Identité nationale, citoyenneté et communautés culturelles: l’exemple de l’Allemagne*.

*The Search for a European Identity; a Continuous Debate* é o sugestivo título do artigo de Procopis Papastratis (Universidade Panteion, Atenas) onde a reflexão e a polémica se mesclam em torno das ideias “consciência europeia” e “identidade europeia”.

Muitas das ideias lançadas pelos outros conferencistas são retomadas por Robert Bideleux – professor do Departamento de Política e Relações Internacionais da Universidade de Swansea (País de Gales) – mas é de realçar a perspectiva frontal e sem evasivas com que o autor aborda determinadas questões no artigo cujo título é já um desafio: *Imigração, Multiculturalismo e Xenofobia na União Europeia: para um Estado Policial Europeu?*

A entrada anunciada dos países da Europa Central e Oriental na União Europeia é recolocada por Ioan Horga (professor da Universidade de Oradea, Roménia) numa perspectiva que o próprio autor admite ser original e polémica; este estudo intitula-se *Un nouveau paradigme de l’identité européenne: le droit d’autonomie personnelle*.

Carlos Eduardo Pacheco do Amaral, director do Núcleo de Estudos Europeus e da Licenciatura em Estudos Europeus e Política Internacional da Universidade dos Açores, propõe uma reflexão *Em torno do conceito da cidadania* realçando a actualidade do velho conceito e, simultaneamente, a sua polissemia.

A presente obra encerra com um estudo da sua coordenadora — *A Europa da unidade e da diversidade culturais* – optando Maria Manuela Tavares Ribeiro por falar de algo a que tem dedicado vasta investigação, isto é, a Europa da cultura, sobre a qual prefere utilizar o conceito de “interculturalidade” em detrimento do de “eurocultura”.

Em conclusão, o passado, presente e futuro da Europa das nações e dos povos são aqui abordados sob perspectivas distintas, por vezes polémicas e originais, mas invariavelmente problematizantes e fecundas.

Maria da Conceição Meireles Pereira



**SENA, António Maria de, 2003 – *Os Alienados em Portugal*, Lisboa, ULMEIRO**

Com a chancela da editora Ulmeiro saiu a público o terceiro volume da colecção Clássicos da Psiquiatria *Os Alienados em Portugal* de António Maria de Sena. Com prefácio de António Pacheco Palha e introdução de Carlos Mota Cardoso, a edição constitui uma dupla homenagem: ao seu autor, que foi o primeiro grande psiquiatra português e, simultaneamente, o primeiro director do Hospital de Alienados do Conde Ferreira, e ao grande filantropo cujo legado permitiu a construção em Portugal do primeiro hospital concebido de raiz para doentes mentais.

O livro reproduz as Memórias publicadas por Sena com os títulos *Os Alienados em Portugal – História e Estatística* [1883] e *Os Alienados em Portugal - Hospital do Conde Ferreira* [1885].

Salienta-se a importância desta edição que traz para as mãos do público interessado por estas matérias dois textos até aqui só lembrados nos círculos académicos, e que constituem um notável contributo, quer para a história da psiquiatria em Portugal, quer, numa leitura mais abrangente, para os domínios da história social.

Estes textos, bem como as intervenções políticas que Sena fez posteriormente, devem contextualizar-se no quadro da ciência positivista que então influenciava a cultura europeia, e de onde emergia uma confiança inabalável no uso esclarecido da razão e no desenvolvimento do saber científico, bem como nas concepções higienistas típicas da época e nas preocupações com a “questão social”, então na ordem do dia.

Das suas palavras transparece, por isso, a incompreensão pelo atraso do país nos estudos da patologia mental como refere na introdução à sua primeira Memória: “... contudo, a importância da psiquiatria impõe-se aos espíritos despreocupados pela luz que difunde na ciência, e não menos pelo auxílio que presta a muitos problemas sociais”.

Por outro lado, a sua preocupação social é uma constante dirigida, naturalmente, para os mais desprotegidos dos cidadãos – os desventurados loucos, que a administração pública negligenciava, a sociedade esquecia e a família, envergonhada, escondia... Dentro da perspectiva higienista, que era típica da sua época, Sena reflecte sobre a etiologia da loucura que ele encontra na miséria “isto é, alimentação insuficiente numa grande parte da população, em geral a mais trabalhadora, a que sustenta o resto do país com o seu trabalho sem tréguas...”, mas ainda na miséria que maltrata a criança ainda no ventre da mãe, que nada sabe sobre a higiene da gravidez, miséria ainda no abandono a “uma educação viciosa, negação completa do que mais adequado seria ao desenvolvimento do corpo; e seguem-se a escola e a oficina a lançar no campo já esterilizado a semente mesquinha dos conceitos tradicionais...”

Contudo, nas suas palavras desassombradas Sena foi pragmático. Se levantou questões até aí convenientemente silenciadas, tal como a forma como os poderes públicos haviam ministrado ao longo dos anos a assistência aos alienados, ou se denunciou símbolos de incúria social como o hospital de Rilhafoles ou a cadeia do Aljube do Porto, ou se criticou atitudes da igreja ou das misericórdias para com os desgraçados loucos, apontou, por outro lado, de modo fundamentado, no sentido das reformas que entendia deverem implementar-se. Procurou, nesse sentido, equacionar com os seus estudos as bases da criação de leis protectoras dos alienados, até então apenas lembrados no Código Administrativo que, no seu art. 204º, 13º, impunha à autoridade policial o tomar providências para “impedir a divagação de pessoas alienadas e de animais malfazejos”, num esclarecedor paralelismo de estatutos. Sena pretendia que essa protecção do Estado fosse assumida não só dentro de uma perspectiva humanitária, mas também no âmbito de uma política de fundo, que devia envolver acções de beneficência institucional. Finalmente,

ao assumir a direcção do Hospital do Conde Ferreira, Sena pôs em prática os seus estudos e reflexões através de uma concepção moderna de hospital, espaço onde era ministrada uma assistência humanitária e racional, mas também lugar de estudo, “porque dos conhecimentos que nele se adquirem resulta um benefício considerável para a sociedade inteira”, como refere no regulamento daquela instituição, manifestando, mais uma vez, a abrangência das suas reflexões.

Cabe agora ao leitor a “descoberta” ou o reencontro com o autor. Quanto a mim, resta congratular-me com a feliz iniciativa dos promotores desta edição.

*Maria José Moutinho Santos*

**SILVA, Susana Serpa, 2003 - *Criminalidade e Justiça na Comarca de Ponta Delgada. Uma abordagem com base nos processos penais 1830-1841*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2003.**

Saiu a público *Criminalidade e Justiça na Comarca de Ponta Delgada. Uma abordagem com base nos processos penais 1830-1841*, da autoria de Susana Serpa Silva, que constitui, na sua essência, o trabalho apresentado pela autora, em 1997, à Universidade dos Açores no âmbito das suas Provas de Aptidão Pedagógica e Científica.

Sendo ainda muito poucos os investigadores portugueses que se aventuraram pelo estudo das áreas tocadas por este estudo, é de saudar a escolha do tema, circunscrito, neste caso, à comarca de Ponta Delgada nos anos conturbados da guerra civil e da implantação definitiva do liberalismo em Portugal.

O trabalho deixa transparecer na sua estrutura, organização e desenvolvimento os objectivos académicos que presidiram à sua realização, partindo de um enquadramento histórico que privilegia a evolução da administração judicial nos Açores nas primeiras décadas do séc XIX, detendo-se, depois, nos aspectos mais marcantes da criminalidade naquela comarca e nos mecanismos de punição e repressão dessa criminalidade. O texto é complementado com um vasto apêndice documental.

As opções feitas pela investigadora continham diversos riscos, nomeadamente os que eram colocados pela circunstância de se estudar um período de transição entre o Antigo Regime e as novas estruturas do liberalismo, os que advinham da utilização centralizada das fontes judiciais, com todos os seus problemas e os que podiam condicionar os resultados a uma leitura reducionista.

Contudo, a autora, assumindo desde logo as dificuldades encontradas e apontando as limitações do seu trabalho, conseguiu ultrapassar os principais obstáculos, oferecendo-nos um texto bem organizado, fundamentado, informativo, que não se esgota na “história local” e que é servido por um discurso claro e muito correcto, que beneficia os seus conteúdos.

Justifica-se, assim, que se aguardem com expectativa os novos contributos desta investigadora.

*Maria José Moutinho Santos*